

PÚBLICA

PÚBLICO 24-12-2006

DIÁRIO // Maria Filomena Mónica



Heranças Natalícias

Há três anos que, sem querer, me tornei na anfitriã da família, entendida esta no seu quadro restrito, ou seja, filhos, cônjuges e netos. O leitor, ou, com algum optimismo, os leitores que, em tempos pretéritos, me leram recordar-se-ão que não gosto da “quadra”, pela mesma razão que não gosto de aniversários: a ideia de ser obrigada à felicidade arrepiá-me. Mas sei que os meus filhos jamais me perdoariam se não os recebesse no dia de Natal.

Um tempo houve em que também eu apreciava a data. Durante a minha infância, a comemoração incluía a Missa do Galo, no final da qual, ao som do “Adestes Fideles”, íamos beijar os pés do Menino Jesus, numa capelinha situada a S. Pedro de Alcântara. Seguia-se a distribuição dos presentes que a minha mãe há muito preparara. Com os anos, todavia, fui ganhando alergia à festa. Ainda devem existir, na antiga despensa, bolas de Natal enfeitadas com restos de lágrimas. Mas isto pertence a outro mundo, ou, pelo menos, era isso que eu pensava.

Este ano fui forçada a tomar uma decisão inédita: a admissão do Menino Jesus na minha casa. Nada teria acontecido se não tivesse herdado a estatueta. Após a morte da minha mãe, tivemos de fazer partilhas. Eu sabia que nada me apetecia menos do que discutir a distribuição de móveis, como sabia que, deixada a mim, teria abandonado o espólio, um comportamento que, como era evidente, teria prejudicado os meus filhos. Optei por arranjar um motivo que me desse ânimo, o qual consistiu na doação, em vida, aos filhos e netos, de tudo o que me coubesse

PÚBLICO 24-12-2006

em sorte. Feita a avaliação dos móveis, sentámo-nos, os quatro irmãos, com um papelucho diante dos olhos. Para surpresa de todos, eu quis tudo, de loiças partidas a um oratório rústico, após o que, exceptuando o Menino Jesus, os objectos seguiram o seu destino, uns para um andar ao Chiado, os outros para uma quinta perto de Chaves.

**Antes que o Islão nos engula,
convém que, às crianças
ocidentais, seja explicada a importância
do Cristianismo nas tradições, valores e cultura da
nossa civilização. Mesmo uma avó atea percebe isto**

A decisão de guardar o Menino é misteriosa. Olhando-o, na sua almofadinha de carmim escuro, noto que tem um encanto especial. Mas, quando cá chegou, meti-o, sem mais, na arrecadação. Só agora, ao retirar de um armário as bolas de lamé dourado com que decoro a árvore, me deparei com a sua beleza. O que fazer: expô-lo ou deixá-lo ficar no buraco? A primeira opção levantava o problema de ter de explicar aos netos — os meus filhos há muito que deixaram de me fazer perguntas — a sua presença num lar ateu.

Decidi realizar uma sondagem de opinião. Telefonei aos netos e perguntei-lhes se prefeririam que, sob a árvore, eu pusesse o Menino. A resposta foi unânime: “Sim, por favor, avó, ponha-o, não se esqueça que é por causa dele que há a festa”. Para mal dos meus pecados, o diálogo não ficou por aqui. Elas, as mais velhas, disseram-me que eu teria ainda de comprar um burrinho e uma vaquinha, além das estatuetas com “o José e a Maria” (falam da Sagrada Família em termos coloquiais), o que já me pareceu complicado. Após a minha recente estadia no Egipto, possuía, é verdade, um camelo, ou antes um dromedário, como me fez notar o meu neto Miguel, mas nada que se parecesse com três reis magos. No fim do dia, dei comigo a fazer a lista de compras necessárias à montagem do Presépio. Até que reagi: estava preparada para juntar uma árvore, que me chegara num “kit” vindo da Tailândia, para engomar uma toalha, comprada em Macau, e até para colocar, sobre a mesa, dezoito talheres. Pedir-me mais era absurdo.

Antes de chegar a família, pus-me, mais uma vez, a olhar o Menino. E a pensar na forma como poderia legar aos meus netos a tradição em que fui educada, a



PÚBLICO 24-12-2006

fim de que, também eles, possam, um dia, apreciar os quadros de Lippo Lippi, a nave do convento de Alcobaça e “A Paixão Segundo S. Mateus” de J. S. Bach. O Menino acabou por fazer parte da festa de Natal, até porque, cá por casa, ao contrário do que parece estar a suceder por essa Europa fora, ninguém teme a “outra” religião. Antes que o Islão nos engula, convém que, às crianças ocidentais, seja explicada a importância do Cristianismo nas tradições, valores e cultura da nossa civilização. Mesmo uma avó atea percebe isto.